

Ano da Fé:

Somos Filhos de Deus

■ Pe. Wojciech Nowacki



O conceito de um homem ser filho de Deus manifesta uma especial e estreita relação entre ele e Deus e diz respeito à nossa fé em Deus como Criador do homem e Seu cuidado para com o homem e o mundo. A Infância Divina do homem e da paternidade de Deus apontam para a origem de tudo, particularmente para a origem do homem em Deus. Isto nos faz lembrar de nossa completa dependência Nele.

O Antigo Testamento raramente faz referência à filiação do homem em relação a Deus e quase nunca no contexto da Criação. Apenas no Livro de Malaquias, em 1:6 encontramos: “Ora, se eu sou Pai, onde estão as honras que me são devidas? E se eu sou o Senhor, onde está o temor que se me deve? e em Malaquias 2,10: “Acaso não é um mesmo o Pai de todos nós? Não foi um mesmo Deus que nos criou?” Além da criação, Deus mostrou Seu amor e Seu cuidado paternal para com a nação de Israel quando Ele os libertou da escravidão do Egito, estabeleceu a Aliança do Sinai e os protegeu durante a viagem pelo deserto até sua entrada na Terra Prometida. Neste contexto, Israel é chamado de o filho primogênito de Deus” (Ex 4,22, Dt 14,1, é 1,2), já que os Israelitas chamavam Deus de Pai da nação escolhida (ver Dt 32,5, Jer 3,4.63,16). A infância divina aqui refere-se à uma comunidade, não a indivíduos.

Durante o tempo do Rei Davi, encontramos referências bíblicas à Divina Infância relativamente a indivíduos de alta importância na nação. Uma dessas pessoas é Davi (Ver Sal 88,27). Deus aparece para ele como Pai (2 Sm 7,14, 1 Crô 22,10). Também, nestes casos incomuns, os escolhidos de Deus — aqueles chamados para uma missão especial — foram qualificados para a Infância Divina.

Cristo – O Filho Unigênito de Deus Pai

Jesus freqüentemente expressa sua relação particular com Deus, o Pai, como uma Paternidade e Filiação Divinas. Com base nesta relação especial e única, Jesus tem autoridade para insistir que

os seus discípulos aceitam seu ensinamento e o fato de que Deus é o Seu Pai de uma forma particular. É importante notar que Jesus chama Deus de ‘Abba’ – ‘Papai’ (Mc 14,36; Rm 8,15; Gal 4,6). De acordo com



os Evangelhos sinóticos, sempre que Jesus fala a Deus, Ele o chama de ‘Pai’. Um bom exemplo disso é o “Hino da Alegria” (Mt 11,25–27, Lc 10,21–22).

Jesus chama Deus não apenas de Seu Pai, mas também de Pai dos povos, ou pelo menos, dos seus discípulos. Segundo as exegetas, os textos autênticos da expressão de Jesus como ‘Seu Pai’ são: Mc 11,25; Mt 6,32; Lc 12,30; Mt 5,48; Lc 6,36; Lc 12,32 e Mt 23,9. O Deus revelado por Jesus é misericordioso e está próximo das pessoas. As conseqüências de Sua Paternidade em relação a todas as pessoas são expressas na necessidade de amar nosso próximo (Mt 5,45–48). Jesus ensinou aos seus discípulos para clamar a Deus como Seu Pai (cf. Mt 6,9, Lu 11,2). Ele não se referiu como uma nova forma de chamá-Lo, mas como uma experiência íntima. Jesus conduziu para dentro do relacionamento de Filiação que existe entre Ele e o Seu Pai. Mesmo assim, o relacionamento com o Pai é único e diferente do relacionamento dos discípulos. No entanto, constitui a base da filiação deles.

A Paternidade de Deus e a filiação de todos os crentes estão mais claramente expressas nas Cartas de São Paulo. A Carta aos Gálatas (Gál 4,4–7) indica a iniciativa de Deus Pai que envia Seu Filho e depois o Espírito Santo. Jesus nasceu sob a lei e da Virgem, assumindo plenamente a nossa humanidade. Esta é a única maneira pela qual Ele pode libertar-nos completamente de forma a recebermos a “filiação adotiva”, que constitui o principal objetivo de Sua Encarnação. O termo ‘adoção’ não desmerece nossa Infância Divina, mas salienta o amor incondicional de Deus, que nos adota como filhos, apesar de sermos apenas Suas criaturas. Filhos de Deus participam do relacionamento entre Jesus e o Pai. Graças

NESTA EDIÇÃO

Ano da Fé:

Somos Filhos de Deus

Pe. Wojciech Nowacki

Liderança:

Buscando uma vida de santidade – não de pecado!

Cyril John

Perguntas à Comissão Doutrinal do ICCRS:

Podem os carismas serem manifestos em uma pessoa que não foi batizada no Espírito?



Nossa Infância Divina nos conduz a um relacionamento específico com cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade.



à nossa união com Jesus, também nós podemos chamar Deus de 'Abba', porque o Espírito do Filho enviado pelo Pai nos move. Há uma estreita ligação entre a missão de Jesus e a missão do Espírito Santo. O Espírito Santo é chamado 'o Espírito do Filho', que enfatiza a ligação entre a Sua morte, Sua ressurreição e o dom do Espírito Santo. O Espírito Santo foi enviado a fim de que as pessoas pudessem receber sua filiação adotiva. É o Espírito Santo quem chama, em nós, "Abba Pai". São Paulo menciona nossa filiação adotiva por Deus em outros textos, por exemplo: Rom 8,14-17; Ef 1,5; Ef 1,13, 2 Cor 1,22 e 2 Cor 5,5.

De acordo com essas passagens, a filiação adotiva tem uma dimensão escatológica, aberta ao cumprimento do que ainda não possuímos. O sermos formados em Jesus e a participação em Sua Filiação em direção a Deus devem desenvolver-se e aprofundar-se em nós até que Jesus seja totalmente formado em nós (ver Gal 4,19).

João, o Apóstolo, fala sobre a filiação de Deus quando ele diz que aquele que crê em Jesus 'nasce' de Deus, unigênito Dele (ver João 1,12, 1 Jo 2,29; 3,9; 4,7; 5,1). O novo nascimento significa 'nascer no Espírito' (ver João 3,6.63). Aqui, o Espírito Santo é mostrado como Aquele que atua diretamente em nós e é a fonte da nossa filiação Divina. De acordo com São João, Ele é o dom de Jesus ressuscitado e glorificado, dado aos seus discípulos (veja João 7,39; 14,16; 15,26; 16,7). São João salienta a diferença entre a filiação (original) divina de Cristo e a filiação Divina dos crentes, que é a participação na filiação de Cristo. Deus não é o pai de Jesus e das pessoas de uma mesma forma (João 20:17), embora Jesus chame seus discípulos de 'irmãos'. O mais revelador está na passagem da Primeira Carta de João (1 Jo 3,1-3), "Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não o conheceu. Caríssimo, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é". Esta passagem enfatiza a plenitude escatológica tão aguardada da filiação, que alcançaremos quando virmos Deus face a face pela graça da relação entre a Filiação e a Semelhança Divina. Não podemos nos imaginar tendo nossa Infância Divina sem a presença de Jesus em nós através da unção do Espírito (ver 1 Jo 2,20-27; 3,24).

A Infância Divina como uma participação na vida da Santíssima Trindade


O Espírito Santo é um laço de amor entre o Pai e o Filho. A

obediência do Filho encarnado para com Deus, o Pai, é expressa no Espírito Santo. Um Cristão é cheio com o mesmo Espírito que guiou Jesus em Sua vida terrena, e com o qual Ele foi cheio após a ressurreição. Jesus, como o Filho unigênito do Pai, é único. Graças ao Espírito Santo, Ele se torna a regra de uma nova vida para todos. Ao receber o Espírito Santo, podemos participar da Filiação Divina que originalmente pertencia somente a Jesus. Este é o motivo pelo qual Jesus, como o Filho unigênito de Deus, é ao mesmo tempo o 'primogênito entre muitos irmãos.' Como o Filho unigênito do Pai, Ele nos torna filhos de Deus.

Nossa Infância Divina nos conduz a um relacionamento específico com cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade. De acordo com o Novo Testamento, estamos em comunhão com Jesus porque temos o Espírito Santo. Assim, o Espírito é a Pessoa Divina mais próxima. É por isso que Ele nos une com o Filho e com o Pai. Cada uma das três Pessoas Divinas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo se relaciona conosco de uma forma particular. O Espírito Santo não nos faz semelhantes a Ele, mas a Jesus. E Ele faz isto tornando-nos filhos no Filho e participantes da filiação de Jesus.

Como participantes da Filiação Divina, somos filhos de Deus o Pai, mas não somos filhos de Jesus, o Filho de Deus, ou filhos do Espírito Santo, e nem filhos da Trindade Santa. Nós somos adotados como filhos por Aquele que é o Pai no mistério da vida da Santíssima Trindade. Deus se dá a Si mesmo como o Pai, unindo-nos à Sua Comunhão com Jesus e amando-nos como Ele ama a Jesus.

Nossa filiação adotiva depende da Filiação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que se tornou homem. Jesus nos faz participantes de Seu relacionamento com Deus e nós não nos tornamos seus filhos, mas seus irmãos (Rom 8,28, Heb 2,17). Santo Atanásio de Alexandria diz, "O Filho de Deus fez-se homem para nos fazer Deus." Para o ressuscitado, Jesus excede todos os limites de espaço e tempo, e o Espírito tudo realiza. Todos os membros do Corpo Místico de Cristo podem participar da vida da Cabeça. O Filho se dá a Si mesmo a nós em Sua encarnação, morte, ressurreição e obediência para com o Pai, enviando também o Espírito Santo, graças a Quem nós podemos clamar 'Abba Pai'.

Celebrando o Sacramento do Batismo, alegre-me neste mistério de fé. Através de gestos e palavras simples, o Espírito Santo vem sobre um bebê e muda-o radicalmente, tornando-o semelhante a Jesus na medida em que Deus o Pai o reconhece como Seu próprio. A Voz de Deus soa: 'Este é o meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição.' No Espírito Santo, através de Jesus, temos acesso ao Pai. Chamamos a nós mesmos de 'filhos de Deus,' 'que é o que somos.' 

Buscando uma vida de santidade – não de pecado!

■ Cyril John



São Paulo teve a coragem de desafiar aqueles sob seu cuidado espiritual: “Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Coríntios 11:1).

Todos aqueles que são chamados à liderança espiritual deveriam ser capazes de dizer, como Paulo: Tome-me como seu modelo, assim como eu tomo Cristo. Os líderes devem ser pessoas que inspiram e atraem outros para seguir o Mestre. Primordialmente, um líder molda outros em piedade através de uma vida de santidade pessoal. Um líder deve conduzir pelo exemplo e não apenas pela exortação. Este é o motivo pelo qual Paulo disse a Timóteo “torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé e na castidade” (1 Tim 04:12). Temos que seguir a lei para dar aos outros “um exemplo a ser seguido” (2 Tess. 3:9). Padrões duplos de comportamento enfraquecem nossa resistência moral e espiritual e nos tornam líderes mornos e ineficazes. Diz um provérbio Africano, “Não consigo ouvir o que você está dizendo, porque o que você é está trovejando em meu ouvido.”

Como pode um cego conduzir outro cego? (Lc 6:29). Este é o motivo pelo qual existem líderes na Igreja, comunidades e grupos de oração que não tem força o suficiente. O chamado para a liderança é um chamado para a santidade. Onde quer que a liderança seja tocada pela luxúria, ganância e falta de perdão, o ministério que ele ou ela lidera tende a perder o zelo, a força e a direção e fica enfraquecido e desiludido. Francis Becon conclui de forma apropriada: “Aquele que dá bons conselhos, constrói com uma mão. Aquele que dá bons conselhos e exemplo, constrói com ambas as mãos. Mas aquele que admoesta corretamente mas dá mau exemplo, constrói com uma mão e derruba com a outra.”

O Papa João Paulo II destacou que “a verdadeira santidade é o útero da verdadeira missão e que todos os cristãos são chamados a ser missionários.” O conceito de santidade para todos tem uma base sólida nas Sagradas Escrituras. No Antigo Testamento, Deus disse a Moisés, “Dirás a toda a assembleia de Israel o seguinte: sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19:2). No Novo Testamento, Jesus disse no Sermão da Montanha, “Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 05:48). São Paulo insiste, “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação; que eviteis a impureza ...” (1 TS 4:3). Em 1 Timóteo 3:2, Paulo diz que os líderes e ministros da Igreja devem ser “irrepreensíveis.” Um pregador abordou alguns dos desafios mais importantes a serem enfrentados pelos pastores e líderes da Igreja nos próximos dez anos. O clérigo não católico comentou: “a menos que a pureza de intenções, a clareza de comunicação, a santidade no casamento, a castidade no sexo e a fidelidade no casamento tornem-se nossa marca, muitos não terão que arrumar suas coisas e fechar as portas das igrejas: Deus usará o mundo para fazer isso.”

“Tu que ensinas aos outros, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abomina os ídolos, pilhas os seus

templos? Tu, que te glorias da lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque assim fala a Escritura: “Por vossa causa, o nome de Deus é blasfemado entre os pagãos” (Rom 2:21–24). O pecado de todo cristão tem uma natureza social, pois somos parte do corpo místico de Cristo. Quando eu perco a graça e estou em estado de pecado, isto afeta todo o corpo. Alguns podem dizer: ‘Isto é problema meu’. Não, não é o problema de uma pessoa apenas, já que cada um de nós é parte do Corpo de Cristo. A unção é perdida através de auto-indulgência. Para continuar a experimentar o poder de Deus, deve-se levar uma vida de abnegação, uma vida de renúncia radical e de oração. Eu não acredito que um homem ou uma mulher possam ceder em demasia em seus apetites naturais e ao mesmo tempo desfrutar da plenitude do poder de Deus. A gratificação da carne e a plenitude do Espírito não andam de mãos dadas.

O músico Charles-François Gounod disse: “Uma gota de santidade vale mais do que um oceano de genialidade.” Encontramos isto na vida e na missão do Santo João Maria Vianney. Anos atrás, John Wesley, um clérigo da Igreja da Inglaterra e teólogo Cristão disse: “Dê-me 100 homens que não odeiam nada além do pecado, que não temem nada além de Deus, e que não conhecem nada além de Jesus Cristo e Ele crucificado, e eu abalarei o mundo.” Portanto, Jesus foi muito contundente quando disse: “Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens” (Mt 05:13). Aqui, o que Jesus nos diz é que se não vivermos uma vida de santidade, seremos como o sal que perdeu seu sabor e que já não pode mais realizar a sua função. Caso esse seja o caso, seríamos totalmente inúteis.

Depois que São Paulo teve a experiência de Damasco, ele renunciou radicalmente a todas aquelas coisas que antes ele considerava como preciosas. O amor de Cristo o compeliu a dizer: “Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com Ele. (Filip 3:8–9). É preciso renunciar a tudo o que é impróprio a um discípulo. O princípio adotado por São Paulo deve ser o lema de cada um de nós: “..castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros” (1 Coríntios 9:27).

A França enfrentou muitos problemas graves. São Martin, Bispo de Tours disse: “Ó Senhor, o que seria necessário para poupar o meu país? O que demandaria?” O Senhor respondeu, “Martin, demandaria um Santo”. A santidade é poderosa e contagiante. Concluo com as palavras do Cardeal Francis Van Thuan, do Vietnã, retiradas dos conselhos que ele deu aos seminaristas da Universidade de Salford: “Tive essa experiência: se eu seguir fielmente a Jesus, passo a passo, Ele me trará ao meu objetivo. Não se preocupe em como você vai atrair a multidão; tenha a certeza de que, se você seguir a Jesus, as pessoas seguirão você!” 🏹



PERGUNTAS À COMISSÃO DOUTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para newsletter@iccrs.org

Podem os carismas serem manifestos em uma pessoa que não foi batizada no Espírito?

Carismas são graças especiais distribuídas pelo Espírito Santo para permitir que os cristãos sejam canais poderosos do amor de Deus e presença no mundo. Quer sejam extraordinários ou ordinários, os carismas devem ser usados para o crescimento do corpo de Cristo (CIC, 2003). “A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum” (1 Cor 12,7). Diferentemente dos dons santificadores, os carismas são dados em diferentes medidas para diferentes membros da igreja. Eles são dons para serem dados, formas pelas quais a bondade de Deus alcança nosso próximo através de nós.

Na história recente da igreja, antes do Concílio Vaticano II, os carismas eram muitas vezes negligenciados. O Pe. Raniero Cantalamessa observa que “os carismas desapareceram não tanto da vida da Igreja, mas da teologia”. A Renovação Carismática tem contribuído para a redescoberta dos carismas como parte da vida Cristã.

Os carismas são especialmente cruciais para a evangelização. O próprio Jesus iniciou seu ministério carismático depois de ter sido cheio do Espírito em seu batismo. “Cheio do Espírito Santo, voltou Jesus do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde foi tentado pelo demônio durante quarenta dias” “e “então, cheio da força do Espírito, voltou para a Galiléia (Lc 4,1-14; ver Atos 10:38).

Jesus disse aos seus apóstolos que, antes de começarem sua missão até os confins da terra, eles deveriam esperar até serem “revestidos da força do alto” (Lc 24,49). “Os discípulos partiram e pregaram por toda a parte. O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam” (Mc 16,20).

O Batismo contém a semente dos carismas

Vejamos o que a Escritura nos diz sobre o recebimento de carismas. Depois que o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes, com o dom de línguas e transbordamento de louvores a Deus, Pedro levantou-se e explicou à multidão reunida como eles também poderiam receber o mesmo Espírito: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2,38). Isto significa que os carismas estão enraizados no batismo. Paulo, igualmente, aponta para o batismo como fonte dos carismas: “Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo....e todos fomos impregnados do mesmo Espírito”. (1 Cor 12,13).

Mais tarde, em Atos dos Apóstolos, quando um grupo de recém batizados não manifestavam nenhum carisma, os apóstolos

reconheceram que algo mais era necessário para a plena efusão do Espírito. “Então os dois apóstolos lhes impuseram as mãos e receberam o Espírito Santo” (Atos 8,17). A Igreja reconhece esta imposição das mãos como a origem do Sacramento da Confirmação, “que perpetua, de certo modo, na Igreja, a graça de Pentecostes”. (CIC 1288).

Assim, o Batismo e a Confirmação são um autêntico “batismo no Espírito Santo e no fogo”. Estes sacramentos conferem o Espírito Santo e a graça santificante em Jesus Cristo. Quando os candidatos são bem preparados através do anúncio do querigma e ensinamento correto sobre os dons do Espírito, eles expressam frequente e rapidamente dons como o da profecia e falar em línguas.

Em muitos casos, no entanto, os efeitos plenos dos sacramentos aparecem somente mais tarde, quando uma pessoa recebe a oração para o batismo no Espírito Santo. Quando você coloca um cubo de açúcar em uma tigela de leite, você não consegue sentir a doçura até você misturar o leite. A oração para o batismo no Espírito não é um novo Sacramento, mas um canal de graça que revive o que foi recebido nos sacramentos. Não devemos concluir que uma pessoa batizada não pode manifestar quaisquer carismas até receber a oração para o batismo no Espírito.

Abrindo-nos ao Espírito Santo com docilidade, humildade e amor, os carismas emergem em medida cheia. Descobrimos então que nossas obras de serviço, oração, evangelização ou pregação têm um novo poder de tocar os corações, iluminar a inteligência, levar à conversão e à cura.

Carismas, habilidades e dons falsos

Os carismas do Espírito Santo são sobrenaturais. Eles são distintos dos talentos naturais ou de habilidades adquiridas. Os carismas podem, no entanto, ser enxertadas em um dom inato como o da pregação ou música e usá-los eficazmente para o Reino de Deus.

Paulo ensina que o discernimento é necessário para o exercício dos carismas. “Não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo: abraçai o que é bom. Guardai-vos de toda a espécie de mal” (1 Tess 5,19-22). Falsos dons são falsificações perigosas dos verdadeiros carismas, que podem se manifestar através de pessoas sujeitas à influência de Satanás. Jesus advertiu, “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome, e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? E, no entanto, eu lhes direi: Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus”. (Mt 7,22-23).

Não podemos esquecer que não somos nós que possuímos os carismas. Eles podem ser perdidos se não agirmos sob a graça do Espírito Santo, edificando a Igreja com humildade e amor. 